

## ZUENIR VENTURA

### A boa nova da semana

**T**alvez porque tenha esgotado meu repertório de emoções com a Olimpíada ou porque seja mesmo um enraizado teiaqueiro de horizontes limitados, o fato é que não me empolguei com o que foi chamado de "a fascinante descoberta da Próxima B", a notícia mais transcendente da semana, literariamente. Com todo o respeito aos cientistas que dedicaram uma vida a esse achado histórico e que se sentiram recompensados por isso, as vantagens que oferecem não chegam a me emocionar.

Orgulhosos, eles anunciam que o novo planeta é parecido com a Terra e contém água em estado líquido. Ou seja, é uma espécie de plano B, um lugar para onde se pode fugir quando for insuportável o nosso descauto terreno. Para quê? Provavelmente para fazer lá o que já fizemos: destruir a natureza e poluir as águas doces e salgadas, que no começo existiam em profusão e pureza aqui também. Portanto, para dar certo, o novo planeta precisa barrar a entrada de humanos. O melhor desse distante vizinho é que ele só é próximo no nome. Fica a 4,2 anos-luz, isso multiplicado por 9,46 trilhões de quilômetros, de nós. Assim, não há o risco de fazer barulho na porta da gente. Mas a minha má vontade com esse novo planeta, com nome de mulher como o meu, tem outra causa. É que nós, jornalistas, estamos muito tristes porque acabamos de

perder dois queridos e importantes colegas, cada um na sua área — Bety Orsini e Geneton Moraes Neto — com os quais tive o privilégio de trabalhar. E, se não bastasse, já ríamos perdido antes o Mineiro, a quem só pude admirar à distância, por meio dos textos. Da Bety foi chefe no Caderno B, do "JB", onde ela ensinava a treverem-te coluna Perfil do Consumidor. Do Geneton, tive a honra de publicar no Caderno Idéias, também do "JB", pelo menos uma de suas criativas matérias. Estando em Paris,

**Para dar certo, o novo planeta precisa barrar a entrada de humanos. O melhor desse distante vizinho é que ele só é próximo no nome**

ele soube que Rubem Fonseca ia fazer uma palestra mais ou menos reservada. Conseguiu entrar com o gravador, registrou a fala escondido e foi ao palestrante pedir licença para publicar. Impressionado com a ética do repórter, Rubem permitiu. E, assim, pôde-se ler a primeira e única "entrevista" do nosso inacessível escritor.

Os cientistas que me perdoem, mas a melhor notícia da semana é que amanhã a professora Cleonice Berardinelli faz 100 anos. Para seus alunos de Letras Neolatinas, ela era a demonstração de como a inteligência podia ser alegre e a erudição, agradável. Consagrada nos meios acadêmicos daqui e de Portugal por seus trabalhos sobre Fernando Pessoa e Camões, entre outros, a "divina Cleo" é uma joia rara do nosso planeta. ■

LUÍZ FERNANDO JANOT

### Não há tempo a perder

**E**m outras épocas, escritores, filósofos e cientistas sociais dedicavam boa parte do seu tempo para refletir e escrever sobre a vida nas cidades. O século XIX foi prodígio neste tipo de iniciativa, em razão das grandes transformações sociais decorrentes da Revolução Industrial. Foi nesse contexto que Karl Marx escreveu a expressão "tudo que é sólido desmancha no ar" para designar a superação permanente dos modelos de produção vigentes e dos velhos hábitos comportamentais. Naquele momento, as grandes cidades europeias refletiam nos seus espaços urbanos essas sucessivas transformações.

A visão sistêmica da realidade induziu a criação de novos conceitos sob a ótica do geral para o particular. A totalidade se sobrepunha à fragmentação e à particularidade. Essa perspectiva abrangente e renovadora iria influenciar mais tarde os movimentos modernistas, inclusive na arquitetura e no urbanismo. Foram períodos da história ricos em investigações sobre o futuro das sociedades e das próprias cidades. Contudo, os sonhos e ideais humanistas se perderam em meio aos desvios políticos do século XX.

Nos tempos atuais, as inovações tecnológicas se sucedem com maior frequência e amplitude. A extraordinária capacidade de armazenamento de dados e a velocidade com que os mesmos são transmitidos pelos meios de comunicação influenciam radicalmente as rotinas de cotidianos. Lidar com a hiperinformação e a recepção passou a ser um cotidiano insustentável da vida cotidiana. Novos valores são estabelecidos sob o signo do mercado.

Em meio às lutas transmutadas de caráter social e econômico, percebe-se o enfraquecimento do Estado provedor e a perda do seu poder de fogo na geopolítica mundial. Atualmente, as grandes empresas globalizadas ocupam um lugar de destaque no desenvolvimento industrial e tecnológico. As cidades, por sua vez, passaram a refletir nos seus espaços urbanos — para o bem e para o mal — os impactos e desmandos dessas gigantes conglomeradas empresariais. Nos dias atuais, nada escapa dessa lógica produtiva e do seu pragmatismo de resultados imediatos.

Consolidou-se, dessa forma, o conceito do aqui e agora com suas consequências diretas e indiretas na evolução das cidades. As grandes metrópoles começaram a evidenciar as consequências e as mudanças desse implacável processo. Não obstante os gritos de alerta, as sociedades continuam seguindo seus caminhos sem se preocupar com a degradação do meio ambiente e o comprometimento dos recursos naturais. Por



**Não se justifica o estímulo à ocupação de áreas periféricas, sobretudo as sem infraestrutura. É muito menos tolerar o crescimento informal da cidade**

sua vez, a expansão descontrolada do tecido urbano trouxe consequências nocivas para a integridade de inúmeros bairros tradicionais.

Na contramão desse modelo expansionista ditado pelo mercado imobiliário e a confusão do poder público, meu colega arquiteto Sérgio Magalhães, com absoluta propriedade, afirma que o futuro não tem mais a dimensão do urbano e que a idealização dos modernos de ruptura com a cidade herdada, e de imposição de uma nova cidade perfeita, ordenada, não é mais concebível, e sequer desejável. O tempo, agora, é de reconhecimento das possibilidades. É tempo da contingência.

Ou seja, as cidades devem ser compactas e agregadas em suas diferentes funções e espacialidades. Portanto, não se justifica o estímulo à ocupação de áreas periféricas, especialmente aquelas desprovidas de infraestrutura. É muito

menos tolerar o crescimento informal da cidade através de loteamentos irregulares e da ocupação de encostas e margens de rios. Há que se recuperar as áreas degradadas e urbanizar favelas com projetos de boa qualidade. Nesse processo, é indispensável que o Estado se faça presente, não apenas com a sua força policial, mas, sobretudo, com serviços públicos diversificados.

Chegou a hora de romper com os modelos predatórios de urbanização que induzem a formação de ilhas de riqueza cercadas de pobreza por todos os lados. Condomínios residenciais fechados e conjuntos habitacionais periféricos são modelos urbanos que acentuam a desigualdade social. Mas, para que isso aconteça, é necessário deixar de lado o dogmatismo ideológico que impede o consenso nas decisões políticas sobre o planejamento da cidade.

Sabemos que, em tempo de radicalizações extremadas, esta não é uma tarefa fácil, mas não custa tentar. Para quem acredita em democracia, o momento eleitoral é o mais adequado pra isso. Portanto, não há tempo a perder. Vamos em frente! ■

Luiz Fernando Janot é arquiteto e urbanista [lfjanot@gmail.com](mailto:lfjanot@gmail.com)

### Publicidade gratuita

MIGUEL DE ALMEIDA

**A**l pelo final da ditadura militar, havia a suspeita de que existiam um tipo de dependentes da censura. Precisavam que suas obras [já lá] tivessem trechos cortados para logo virar o papel de vítimas da falta de liberdade, de autoritarismo etc. O fato deu a eles posse para a entrada na paratona (sem sítio em Alibabá, talvez) e notícia nas jornais. Assim, ganhavam a solidariedade indistinta de todos os opositores do regime.

Os funcionários da censura, em geral, eram umas rematadas, desafortunadas, um espelho do governo central. Desse modo, no entanto, que alguns eram malandros. Por isso, ao censurar apenas trechos das obras, liberando as para circulação, deixavam o público enxergando o diabo de certas casualidades artísticas. Democracia é isso: li tínhamos nos de defendendo aquela bobocorra em nome da liberdade. Melhor se a palavra fosse possuída daquele desastre.

Fernandinho a ditadura, em 1985, de dentro das quartas da censura não sofreu uma única obra-prima. O velho factory de guerra fazia a paratona de proibição a exibição de "Je vous salue, Marie" e "A última nos devedor aquela bobocorra sem graça de Godard". Os melhores trabalhos haviam chegado ao público, mesmo se estivessem por um olho no outro. Claro que sempre houve exceções no fase anterior.

Os profissionais da censura, desmoralizados pela Constituição de 1988, podem mudar de pele, mas não desaquecerem. Podem até mudar de nome, mas o fim é a publicidade inusita. Para seu produto. Os tempos invernais, ora em voga, mostram alguns exemplos de construção de notoriedade nas costas do processo político. Outro dia a bela e experta atriz Letícia Sabatella foi vítima de um grupo de manifestantes pró-impostos. O detalhe é que ela vinha numa camiseta a favor de Dilma e foi ao encontro de um grupo aderentista. Seria como se em, todo país, com a causa do Flamengo, entrasse em reação a grande do Botafogo. Por certo, minha mãe seria lembrada. E com razão: se eu pensava, eu souço.

**Governo interino deu régua e compasso a campanha sem custos. Centenas de linhas na mídia, em nome de suposto cercamento, vão aumentar notoriedade de 'Aquarius'**

Agora é a vez do filme "Aquarius". O diretor Mendizábal Filho, filho do Ministério da Justiça com a indicação para maiores de 18 anos. Dias atrás, no Festival de Cannes, o elenco abriu uma faixa em protesto contra o governo Temer. Bastou para os 55 digitais trarem a produção como obra-prima, embora tenha deixado o festi-

val sem um mísero prêmio. Falam, agora, em censura. Óbvio, não é censura.

Isso se chama "publicidade gratuita". O governo interino deu régua e compasso a uma campanha sem custos. Várias centenas de linhas e minutos na mídia, em nome de um suposto cercamento, de novo vão aumentar a notoriedade do filme. É uma manobra barata de propagandear um produto artístico. Como já aconteceu com outras produções recentes, basta se fazer uma exibição para a presidente afastada — e, filme e presidente, receberem solidariedade irrestrita. Muitos "likes" e compartilhamentos. E o aumento de receita na bilheteria do filme. Mais do que o número de aderentes que iriam sair de casa para assistir a "Aquarius" no cinema.

Os tempos invernais, assim como o período ditatorial, produzem celebridades e obras de ocasião. É da natureza humana se aproveitar das situações. De Alexandre Frota a José de Abreu, de Roger a Lobão, o acaso petista (estrela versátil, ou nome é Solaris) serve de boia e resgate a diversas tipos de má-fé. Bende entretidos em talk shows, simpáticos, prontos de comida e um selfie com Dilma. No fundo, um ensaio para a outra. A coisa deixou de ser ideológica para ser lucrativa: assim como houve humorista que causou com a piada, temos agora humorista que não faz piada, mas discurso. ■

Miguel De Almeida é editor e escritor

### O recorde indesejável

ALICE AMORIM

**E**m tempos de Olimpíada, nos maravilhamos com a capacidade de superação dos atletas, sobretudo quando quebram recordes.

Não deslumbrante cerimônia de abertura, o ciclista Fernando Moutilla enfatizou que o aquecimento global é um dos maiores desafios da humanidade. Foi um recado oportuno para todo o mundo, porque, afinal, estamos quebrando recordes ano a ano no aumento da temperatura do planeta.

Em dezembro do ano passado, 196 países assinaram o Acordo do Clima de Paris, que estabeleceu o objetivo de limitar o aquecimento do planeta a uma medida bem abaixo de 2°C. Todos assinaram o compromisso de limitar o aumento de temperatura a 1,5°C.

Essa diferença de 0,5°C pode parecer pouco, mas, para muitos países, em particular os insulares e as ilhas do Pacífico, significa vida ou morte. Se o mundo já sofre com a crise dos refugiados políticos, imaginemos quando surgirem os fugitivos climáticos?

Para atingir o objetivo de evitar o recorde de aumento da temperatura da Terra em 1,5°C, o plantio de árvores, por exemplo, incentivado pelos atletas na cerimônia de abertura da Olimpíada, com intenção de sermenes em vasos, é bem-vinda, mas não suficiente.

Tornou-se imperioso reduzir a emissão de gases de efeito estufa (GEE), o que significa acabar com o desmatamento em todos os biomas. Mais: parar de queimar combustíveis fósseis como petróleo e carvão, aumentar a participação

de fontes de energia renováveis e mudar métodos de produção agrícola e na pecuária.

A partir da Olimpíada de 2016, cerca de 150 atletas de vários países vão competir a maduro do clima aderindo a campanha "1,5°C, o recorde que não devemos

quebrar". Com extensa mobilização nas redes sociais, eles tentam estimular a humanidade nessa luta, pois são exemplos de como é possível superar toda sorte de desafios quando se tem uma coordenação de planejamento, esforço e estratégia.

Sem o sonho de ganhar uma medalha, os anos e anos de treinamento árduo e renúncias dos atletas olímpicos não fariam sentido. Sem sonho e esforço coletivo para um racional dos recursos naturais, não será possível garantir uma boa qualidade de vida a todos.

O Congresso Nacional, recentemente, deu ao governo sinal verde para a ratificação do Acordo de Paris, faltando agora só a sanção presidencial. Como país, já somos líderes na esfera internacional para combater a mudança do clima. Faltava, agora, garantir a coerência entre os compromissos que assumimos lá fora, através de acordos, com as escolhas feitas dia a dia aqui dentro.

Não quebrar o recorde do aumento da temperatura do planeta em 1,5°C será difícil, sem dúvida. Mas o Brasil pode dar um passo importante, sendo o primeiro dos grandes países poluidores a ratificar o acordo histórico de Paris, antes dos Estados Unidos e da China. ■

Alice Amorim é sócia da ONG Gestão de Interesse Público